

SOBRE A PSICANÁLISE E O AMOR

ABOUT PSYCHOANALYSIS AND LOVE

Daniela Trois Feijó

Nunca estamos mais privados de proteção contra o sofrimento que quando amamos, nunca estamos mais infelizes que quando perdemos o objeto amado ou seu amor.

Sigmund Freud

LIVRO: A PSICANÁLISE E O AMOR

ORGANIZADORAS: DENISE ZIMPEK PEREIRA, ROSA BEATRIZ SANTORO SQUEFF

PORTO ALEGRE: EVANGRAF, 2016, 151 p.

Pode-se dizer que a Psicanálise surgiu a partir de um amor, o amor de transferência de Anna O. por Joseph Breuer. Amor que desconcertou seu alvo e o fez relatá-lo a Sigmund Freud e dessa forma possibilitou a descoberta que fundou a Psicanálise. Assim, Laura Ward da Rosa nos apresenta o livro *A psicanálise e o amor* em seu prefácio.

A relação da Psicanálise com o amor será investigada de diversas formas nos dez capítulos deste livro: dos caminhos pulsionais percorridos desde o nascimento, passando pela infância, adolescência, até a longevidade, finalizando com o amor de transferência.

Começarei pelo fim do livro, visto que remonta ao início da Psicanálise, recortando do capítulo de Bárbara de Souza Conte, "Amor de Transferência" o foco colocado por ela no paradoxo da abstinência do analista: "estar embebido do transferido pelo paciente, mas se abster de atribuir sentido ou julgamento" (p. 145). A autora sublinha que só assim "cria-se [...] o espaço da ética e da escuta, campo do amor transferencial" (p. 145). A autora faz uma rica ligação com a relação estabelecida entre Marilyn Monroe e seu analista, evidenciando os riscos ao paciente quando a abstinência do analista vacila.

Já em "Psicanálise, Amor e Sexualidade" Rosa Santoro Squeff traz à tona o caráter criativo do amor, lembrando Freud quando escreve que a sexualidade, o que se tem de mais primitivo em um ser humano, é também o que possibilita a arte, exemplo do que se tem de mais sublime. A autora sustenta seu argumento também a partir de Green, Bion, Kohut e Winnicott, em uma escrita rica e diversa.

Sobre a infância escrevem Márcia Semensato e Caroline Milman. Semensato, em “Do apego ao amor: algumas hipóteses sobre a formação de vínculos na infância”, trabalhando a partir de Bowlby, refere que “para falar de amor, é necessário falar da atração inicial, do encontro. [...] A partir desse encontro inicial com o outro pode-se pensar que o vínculo amoroso posterior será um ‘reencontro’ em algum sentido e um desencontro enquanto também portador do novo” (p. 43). Seu capítulo trata dos efeitos deste encontro inicial na capacidade de amar ao longo da vida.

Caroline Milman, com sua escrita descontraída e subjetiva, nos conta em seu capítulo “A psicanálise e o amor na infância” sobre o seu primeiro encontro (e história de amor) com a Psicanálise, transportando-nos para o tempo de sua infância. Depois, apresenta-nos Ofélia, personagem de Clarice Lispector, uma menina que não sabia amar, nem ser criança, e que, quando finalmente se depara com o amor (na singela forma de um pintinho), o caráter agressivo, inerente ao mesmo, transborda e fere seu mais precioso objeto. E, “observando a cena”, daquela forma como só os poetas são capazes, Clarice Lispector nos ensina, e tenta consolar Ofélia, com a lúcida e sincera frase: “a gente não ama bem” (p. 59). Sobre o caráter agressivo do amor ou, nas palavras da autora: “o amor nas suas formas desastradas” (p. 60), é do que se trata esse capítulo, que finaliza com o exemplo clínico de Bernardo, menino que estava sendo temido por todos na escola por estar “ameaçando os colegas de morte” (p. 60). A autora esclarece: “Há crueldade na pré-história do amor e, em ambientes instáveis e frágeis, o caminho para o amor é dificultado” e finaliza contando sobre os desfechos dos três personagens citados.

Em “Latência: o desenvolvimento em direção ao amor”, Eliana Maria Spillari Costa retrabalha o conceito de latência, desconstruindo a ideia de que seria “uma parada no desenvolvimento” (p. 67), mas sim um período que “exige da criança um grande trabalho psíquico que possibilita novas aquisições intelectuais e ganhos emocionais, derivados da nova organização psíquica” (p. 68). A autora sustenta e complementa suas ideias com a teoria de Fernando Urribarri sobre o tema.

A questão do amor na adolescência é abordada em três capítulos. Em “O amor romântico: a pré-estreia do amor maduro”, Cristina Dariano Kern fundamenta o amor romântico como o “mais efetivo antídoto para combater as angústias de vazio e tristeza pela decepção edípica, produzindo, ao mesmo tempo, uma investidura que recarrega de energia vital o aparato psíquico em todas as suas instâncias” (p. 84). E, a partir disto, constrói questionamentos sobre Romeu e Julieta, de William Shakespeare, colocando em pauta o narcisismo e a idealização, e pensando o amor romântico na atualidade.

Em “O amor na adolescência: do amor do eu ao amor ao outro” Ane Marlise Port Rodrigues faz considerações sobre o amor adolescente e a sua complexidade no contexto atual, marcado pelo hedonismo e a fluidez nas relações. A autora faz toda uma retomada em Freud, tratando do autoerotismo, narcisismo e do amor objetal, deixando clara a longa e desafiadora jornada do

adolescente em direção ao amor.

Denise Zimpek Pereira, em “Da fascinação ao amor”, problematiza a fascinação, característica da paixão, e a possibilidade de sua transformação em amor. Segundo ela, “passado o tempo da paixão, o outro aparece com toda a sua alteridade. Daí em diante, o casal enfrentará o desafio de lidar com as diferenças que podem obstaculizar a relação, pois esta não vai continuar eternamente num estado de fascinação e de amor absoluto” (p. 112).

Sobre “A psicanálise, o amor e a sexualidade” Simone Accetta Groff descreve a sexualidade, a partir de Silvia Bleichmar, Laplanche e Freud, como “não redutível ao genital, não submetida a ciclos vitais, sendo a posição desejanste do sujeito sua importante determinação” (p. 119). Groff apresenta duas vinhetas clínicas que ilustram os possíveis destinos da pulsão e, conseqüentemente, do sujeito.

E, por fim, defendendo a possibilidade de acesso ao amor e à sexualidade em qualquer idade, Gilda Maria Fogaça Soares, em “Longevidade, amor e sexualidade”, reafirma que os caminhos do pulsional nunca cessam de trilhar. A autora esclarece que os idosos reinventam diferentes formas de amar, mas não deixam de fazê-lo.

Voltando à questão do amor de transferência, início deste escrito e final do livro, relembro Freud em *O delírio e os sonhos na gradiva de W. Jensen*, quando diz que “O processo de cura se efetua numa recidiva do amor [...] e tal recidiva é indispensável, pois os sintomas devido aos quais o tratamento foi empreendido [...] podem ser resolvidos e afastados apenas por uma nova maré das mesmas paixões. Cada tratamento é uma tentativa de liberar o amor reprimido que achou uma pobre saída no compromisso de um sintoma.” (FREUD, 1907/2015, p. 115).

Encerro com expectativa de ter despertado a curiosidade do leitor com relação a este livro e deixo votos de uma boa leitura!

REFERÊNCIAS

FREUD, S. O delírio e os sonhos na gradiva de W. Jensen. In: FREUD, S. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. v. 8. (Obra originalmente publicada em 1907).

PEREIRA, D.; SQUEFF, R. et al. A psicanálise e o amor. Porto Alegre: Evangraf, 2016.

Daniela Trois Feijó é psicóloga (PUCRS). Psicanalista. Membro Efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.
E-mail: danitrois@gmail.com